

CONTRA

CONTRA-FLECHA *Arqueia mas não quebra*
Org. Ariana Nuala, Germano Dushó, Rafael RG
ISBN 978-65-65036-02-3



FLECHA

Alfredo Volpi
Aline Motta
Allan da Silva
Anna Maria Maiolino
Anti Ribeiro
Cildo Meireles
Edson Barrus Atikum
Flávio de Carvalho
Hélio Melo
Hélio Oiticica
Ione Saldanha
Ivens Machado
Jayme Fygora
Jefferson Santiago
Jonas Van
José Resende
Juno B

Keila Sankofa
kulumym-açu
Labō
Laryssa Machada
Loren Minzú
Lygia Pape
Mari Ra
Marina Woisky
Mira Schendel
Miriam Inez da Silva
Noara Quintana
Raymundo Colares
Rubem Valentim
Sallisa Rosa
Siwaju Lima
Victor Arruda
Zimar

Índice

Obras	01
Contra←—Flecha	26
Arqueia mas não quebra	46
Artistas	76
Ensaio	113
Translations	153



01



02



03



04

Edson Barrus Atikum, Jefferson Santiago, Cildo Meireles, Rubem Valentim,



19



20



21

Jefferson Santiago, Raymundo Colares, Alfredo Volpi,



22

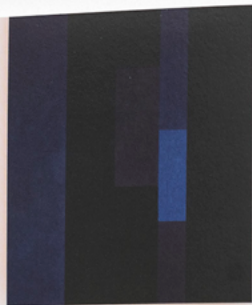


23



24

Heitor dos Prazeres, Hélio Oiticica, Alfredo Volpi,



62



63



64



65

Hélio Oiticica, Jonas Van & Juno B, Ivens Machado,
Anti Ribeiro.

(1) Edson Barrus Atikum, *Imburana de cambão*, 2023. Tronco seco extraído da mata em Pau Ferro (PE). 45 x 100 x 226 cm.

(2) Jefferson Santiago, *Mestre Peixinho I*, 2023. Fotografia analógica impressa em papel HFA - 308g. 50 x 33,33 cm.

(3) Cildo Meireles, *Para ser curvada com os olhos*, 1970. Caixa de madeira com duas barras de ferro, vidros e placas de metal com legendas. 30,5 x 49,5 x 25 cm. Coleção Vanda Klebin.

(4) Rubem Valentim, *E 27*, d. 1970. Madeira. 76,5 x 69 x 20 cm. Coleção particular.

(5) Aline Motta, *Corpo Celeste #1*, 2018. Serigrafia e marcador permanente sobre dois tecidos de seda superpostos. 130 x 130 cm.

(6) Anna Maria Maiolino, *Sem título*, 1972. Papel, guache, letreaset, madeira e vidro. 53 x 53 x 13,6 cm. Coleção particular.

(7) José Resende, *Homenagem a Maria Martins*, 2006. Tubo de aço inoxidável escovado. 47 x 64 x 24 cm. Coleção particular.

(8) Flávio de Carvalho, *Sem título*, s.d. Nanquim e grafite sobre papel. 179,5 x 149 cm. Coleção particular.

(09) Aline Motta, *Sem título*, da série "Outros Fundamentos", 2017/2019. Fotografia impressa em papel HFA - 308g. 70 x 125 cm.

(10) José Resende, *Sem título*, 2002. Vidro e água. 24 x 25 x 29 cm. Coleção particular.

(11) Allan da Silva, *Atravessador*, 2020/2021. Embarcação de madeira com duas proas, projeto escultórico desenvolvido em colaboração de Mestre Bra (Ulbercy Cláudio Sousa Portugal) em Jaguarpe, Bahia. Parte de série com 3 (três) embarcações únicas. 99 x 109 x 296,5 cm.

(12) Alfredo Volpi, *Sem título* (Composição em azul), c. 1959. Têmpera sobre tela. 105 x 70 cm. Coleção particular.

(13) Rubem Valentim, *Composição B*, 1963. Acrílica sobre tela. 100 x 35 cm. Coleção particular.

(14) Zimar, *Sem título*, da série "Careta de Cazumbá", 2022. Acrílica sobre pó de serra e PVC. 20 x 21,5 x 37 cm.

(15) Zimar, *Sem título*, da série "Careta de Cazumbá", 2022. Acrílica sobre pó de serra, couro sintético, osso e PVC. 36 x 34 x 25 cm.

(16) Zimar, *Sem título*, da série "Careta de Cazumbá", 2022. Acrílica sobre madeira, pó de serra, osso e PVC. 32 x 47,5 x 64 cm.

(17) Alfredo Volpi, *Faixas*, d. 1970. Têmpera sobre tela. 47,2 x 33 cm. Coleção particular.

(18) Jayme Fyguira, *Sem título*, s.d. Ferro. 150 x 45 x 30 cm. Coleção particular.

(19) Jefferson Santiago, *Santa Maria, da série "Pé de Radiola/Pé que levanta poeira"*, 2022. Fotografia analógica impressa em papel HFA - 308g. 79 x 118 cm.

(20) Raymundo Colares, *Gibi*, s.d. Livro de papel colorido recortado. 43,5 x 43,5 x 0,4 cm. Coleção particular.

(21) Alfredo Volpi, *Sem título*, c. 1970. Têmpera sobre tela. 102,5 x 67,9 cm. Coleção particular.

(22) Heitor dos Prazeres, *Sem título*, 1965. Óleo sobre tela. 79,5 x 99,5 cm. Coleção particular.

(23) Hélio Oiticica, *Metaesquema*, 1958. Guache sobre cartão. 52 x 64 cm. Coleção particular.

(24) Alfredo Volpi, *Mulher e crianças*, d. 1950. Têmpera sobre tela. 73 x 54 cm. Coleção particular.

(25) kulum'm'au, *brasa em madeira que não dá cupim negro e vermelho; comunidade em alvoradinho (osso, amarelo, azul-claro, azul-escuro e toranja); fronteira entre a Serra do Jordão e o firmamento celeste (azul escuro, branco e verde)*, da série "Escudos contra os morticídios", 2022. Bambu, papel-seda, fios de linha encerada, cola branca, marcador permanente. 139,5 x 113 x 29,6 cm (cada).

(26) Raymundo Colares, *Gibi*, s.d. Livro de papel colorido recortado. 33,3 x 16,5 x 1 cm. Coleção particular.

(27) Ione Saldanha, *Sem título*, da série "Bambus", d. 1970. Têmpera sobre bambu. 173 x 17 x 17 cm. Coleção particular.

(28) Lygia Pape, *Sem título*, 1998. Tinta spray e guache sobre papel. 29 x 34 cm. Coleção particular.

(29) Miriam Inez da Silva, *Título desconhecido*, 1991. Óleo sobre madeira. 20,6 x 30,3 cm. Coleção particular.

(30) Sallisa Rosa, *Sem título*, da série "Identidade é ficção", 2019/2023. Instalação fotográfica com acabamento em metacrilato. 30 x 45 cm (cada).

(31) Hélio Melo, *Sem título*, 1987. Nanquim e extrato de folhas sobre cartão. 28,5 x 21,5 cm. Coleção particular.

(32) Hélio Melo, *Sem título*, 1989. Nanquim e extrato de folhas sobre tecido. 141,5 x 144,5 cm. Coleção particular.

(33) Lygia Pape, *Sem título*, 1991. Croyon sobre papel. 50 x 70 cm. Coleção particular.

(34) Noara Quintana, *Mata Cerrada: Mandioca e Tamba-Itá*, da série "Belo Époque dos Trópicos", 2021. Grafite sobre orgânza de seda e lã. 137 x 102 cm.

- (15) Mira Schendel, *Sem título*, 1964. Monotipia sobre papel, 47 x 23 cm. Coleção particular.
- (16) Loren Minzi, *conce de corpo e segredo [1/1/1]*, 2020. Trilogia em vídeoarte (primeiro filme), 2 canais, looping em 720p, estéreo, arquivo em MP4, 310" e 316".
- (17) Mira Schendel, *Sem título*, 1964. Monotipia sobre papel, 47 x 23 cm. Coleção particular.
- (18) Leão, *Sem título*, da série "Amoré", 2023. Fotografia impressa em papel HFA - 308g. Desenvolvida em colaboração com Raísaala Kennedi, 120 x 80 cm (cada).
- (19) Jefferson Santiago, *Campo Momorona (em diálogo com a Associação de Mulheres Ceramistas de Itamatatua)*, 2022. 4 fotografias Polaroids, 37 x 33,4 x 3,5 cm.
- (20) Aline Motta, *Sem título*, da série "Pontes sobre Abamos", 2016. Fotografia impressa em papel HFA - 308g, 70 x 125 cm.
- (21) Loren Minzi, *composição para o gol*, 2022. Cerâmica, carvão, água, levante, arruda e beldô. Dimensões variadas.
- (22) Noara Quintana, *Conjunto Cernambi*, #3 #2 e #1, 2021. Cerâmica esmaltada, #1 15 x 22 x 22 cm / #2 21 x 12,5 x 12,5 cm / #3 21 x 23 x 23 cm.
- (23) Edson Barrus Aikum, *Língua*, 1997. Impressão jato de tinta e colagem sobre papel, 73 x 42,5 x 4 cm.
- (24) Mari Ra, *Máscara*, 2022. Óleo sobre tela, 30 x 40 cm.
- (25) Keila Sankola, *7 euros-figm*, da série "Círculos que Ghetto me deu", 2023. Círculos artesanais de metal banhado em ouro e par de búzios tigrados. Trabalho desenvolvido em colaboração com Diogo Ferrucci, 4,3 x 14 x 17 cm.
- (26) Laryssa Machado, *Dona Dete II*, 2021. Fotografia impressa em papel HFA - 308g, 82,5 x 55 cm.
- (27) Jonas Van, *Inominável*, da série "Desambiguação", 2018. Ametista, resina acrílica, gesso e ferro, 10,5 x 11 x 14 cm.
- (28) Mari Ra, *Cobra cega*, 2022. Óleo sobre tela, 40,5 x 60 cm.
- (29) Sitawu Lima, *O fê e o tempo Ajija*, 2022. Aço, placa de aço, barra de cobre, solda e processos de oxidação acobreados, 110 x 25 cm.
- (30) Laryssa Machado, *Toma conta e presta conta*, 2018. Fotografia impressa em papel HFA - 308g, 100 x 66 cm.
- (31) Allan da Silva, *Língua III*, da série "Línguas", 2020/2021. Cerâmica, 9 x 7 x 11 cm.
- (32) Miriam Inez da Silva, *A era dos chifres*, 1985. Óleo sobre madeira, 40,3 x 24,8 cm. Coleção particular.
- (33) Salissa Rosa, *Sem título*, da série "Abaya Yala", 2021. Conjunto de esculturas em cerâmica. Dimensões variadas.
- (34) Hélio Melo, *Sem título*, 1995. Nanquim e extrato de folhas sobre cartão, 34,4 x 28,7 cm. Coleção particular.
- (35) José Resende, *Crucificação*, 1997. Ferro e betume, 100 x 80 x 35 cm. Coleção particular.
- (36) Juno B, *feral*, 2023. Aço inox, 139 x 79 x 0,2 cm.
- (37) Edson Barrus Aikum, *Manifesto Cão Muíto*, 1998. Impressão em papel couché, 20 x 20 cm. Originalmente publicado no catálogo da exposição "Ubiquitá", realizada no Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro, RJ) e Casa Degli Artisti (Milão, Itália), com traagem de 1.000 exemplares.
- (38) Marina Woisky, *Caça*, 2021. Instalação de tecido com impressão e enchimento em gesso, 214 x 126 x 40 cm.
- (39) Jayme Fyguera, *Sem título*, s.d. Ferro, 83 x 64 x 70 cm. Coleção particular.
- (40) Ivens Machado, *Sem título*, c. 1990. Cimento policromado e cerâmica, 22 x 53 x 60 cm. Coleção particular.
- (41) Victor Arruda, *Dançarina - Homenagem a Robert Crumb*, 1991. Acrílico sobre tela, 60 x 80 cm.
- (42) Hélio Cliticica, *Metaesquema*, 1956. Guache sobre cartão, 51 x 44 cm. Coleção particular.
- (43) Jonas Van & Juno B, *KEBRANTO*, 2020. Vídeo com sound stereo, 15'.
- (44) Ivens Machado, *Sem título*, 1984. Ferro, concreto e mosaico de ladrilho, 170 x 61 x 80 cm. Coleção particular.
- (45) Antí Ribeiro, *Úlivo*, 2021. Escultura sônica com base em arquivo WAV e montagem quadrifônica em ambiente escuro, 21'38"

CONTRA-FLECHA MAS NÃO QUEBRA

ARQUEIA

ISBN 978-65-85036-02-3

Org. Ariana Nuala, Germano Dushá,
Rafael RG (Almeida & Dale)

Contra ← Flecha

Germano Dushá, Rafael RG

Contra-Flecha é um programa expositivo que funciona como espaço de experimentação crítica e curatorial, interessado por novas perspectivas da história da arte brasileira. Realizado pela Almeida & Dale Galeria de Arte, o programa estabelece diálogos entre as obras de seu acervo e de sua rede — majoritariamente compostos de peças de arte moderna do século XX — e artistas com pouca circulação no sistema comercial ou em início de suas trajetórias artísticas. O programa passa a inaugurar o calendário anual de exposições e projetos da galeria, como um pontapé a abrir caminhos para debates essenciais e para mobilizar novas conexões entre os agentes do meio da arte.

Na engenharia civil, o termo “contraflecha” refere-se a diferentes procedimentos construtivos que envolvem vigas, escoras e lajotas como um modo de evitar deformações e garantir a sustentação estrutural da laje após a construção. Como título do programa, *Contra-Flecha* indica as bases que o energizam: o termo “flecha”, instrumento que aponta para a frente, que atravessa, rasga e incita a ideia de corte no tempo, é balanceado pela palavra “contra”, num

movimento de quebra de linearidade e de convite à revisitação de cânones e de vozes historicamente silenciadas.

Contra-Flecha é o desejo de expandir visões e vislumbrar horizontes possíveis com base no confronto entre o que está consolidado e os processos correntes. O programa tem como premissa propor interlocuções insólitas e pensar de modo crítico a inserção comercial de diferentes práticas artísticas. Como experiência, o desejo é perfurar instâncias a fim de favorecer fluxos incomuns, trabalhando em dinâmicas pendulares e em espiral com o objetivo de descentralizar discursos, costumes e funcionamentos da história e do atual circuito da arte brasileira.

Construindo o programa: métodos, processos e aprendizados

Fabricia Ramos

No sistema global da arte contemporânea, programas expositivos e residências artísticas compartilham um grande objetivo comum: oferecer oportunidades para artistas desenvolverem suas pesquisas, práticas, obras e experiências profissionais. No entanto, ao passo que o lugar ocupado por essas oportunidades é amplamente reconhecido, sua

Em diversas histórias da cultura oral maranhense, São Benedito¹ teria sido um homem negro escravizado que, numa noite de lua cheia, adentra a mata, corta um tronco de árvore, volta à senzala e, com a madeira extraída, cria um tambor e ensina outras pessoas negras escravizadas a construir e tocar tambores.

Essa narrativa é um dos “contos que se contam” sobre a criação do Tambor de Crioula² no estado do Maranhão. O uso da madeira como matéria-prima para construir tambores e outros instrumentos de percussão persiste até hoje em diferentes comunidades do Brasil. “Arquear sem quebrar” refere-se a um

tipo de manejo exaustivo da matéria — uma das tecnologias ancestrais utilizadas na fabricação de instrumentos percussivos. Mestres e mestras manipulam diferentes tipos de madeira, azumbrando suas fibras, assim como o vento, que busca a flexibilidade na rigidez, reencontrando pulsões a partir de uma coreografia que beira a fronteira de sua destruição.

Numa dobra conceitual que avança nos séculos, a imagem da matéria arqueando encontra eco na obra *Para ser curvada com os olhos* (1970), de Cildo Meireles. O trabalho apresenta uma provocação: duas barras de ferro — uma reta e outra curva — são apresentadas





Aline Motta RJ '74

Aline Motta nasceu em Niterói, vive e trabalha em São Paulo. Com sua prática artística, busca indicar e preencher as lacunas de sua história familiar, decorrentes do apagamento colonial. Seus vídeos, fotografias, instalações e performances se baseiam em estudos especulativos que combinam pesquisa de arquivo, viagens de campo e relatos de história oral para acessar, nutrir e revelar partes do passado que se imaginava estarem perdidas. Ao recusar a organização linear do tempo e compreender o passado como parte do presente, a artista cria obras que reorientam memórias e constroem novas narrativas, refletindo sobre noções de diáspora, pertencimento e identificação. Nos limites fronteiriços entre o conhecido e o imaginado, suas obras vislumbram novos passados para manifestar novos futuros. Assim, Motta reconfigura as relações afro-atlânticas à sua maneira, como autora de sua própria história.

Formada em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-graduada em cinema pela The New School University (NY), foi selecionada para o Programa Rumos Itaú Cultural, no ciclo 2015/2016, para a Bolsa ZUM de Fotografia do Instituto Moreira Salles, em 2018, e para o 7o Prêmio Indústria Nacional Marcantonio Vilaça, em 2019. Participou de exposições importantes como *Histórias afro-atlânticas*, no MASP e Tomie Ohtake (2018), *Histórias feministas, artistas depois de 2000*, no MASP (2019), *Cuando cambia el mundo*, no Centro Cultural Kirchner, em Buenos Aires (2021), e *Pensar tudo de nuevo/ Les Rencontres de la Photographie*, em Arles (2021). Em 2020, realizou sua exposição individual *Aline Motta: memória, viagem e água*, no Museu de Arte do Rio e, em 2021, exibiu seus trabalhos em vídeo no New Museum, Nova York, como parte do programa Screen Series. Em 2022, lançou seu primeiro livro, *A água é uma máquina do tempo*, pelas editoras Fósforo e Luna Parque Edições, e realizou uma exposição individual, *Máquina Kalunga*, no átrio do Sesc Belenzinho, em São Paulo. Em 2023, participou da Sala de Vídeo do MASP, da exposição *Chosen Memories*, no MoMA, em Nova York, e da 15a edição da Bienal de Sharjah, nos Emirados Árabes Unidos.

(Convidade)

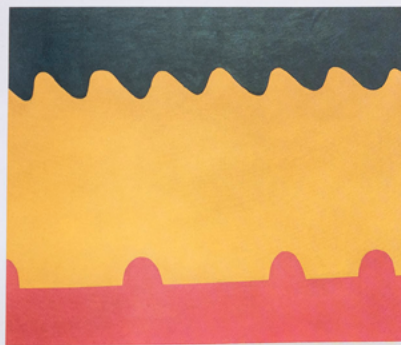


Mari Ra SP '96

Mari Ra nasceu em Cotia, vive e trabalha entre São Paulo e Salvador. A artista utiliza a pintura para criar micronarrativas que estabelecem uma renegociação entre os repertórios formais e os códigos visuais conhecidos em um sintetismo pictórico próprio. Com base no estudo de determinados elementos — do corpo humano, de fantasias populares e de objetos cotidianos à paisagem e à arquitetura —, suas obras cruzam geometrias de livre imaginação, transfigurando grandes massas de cor e jogos de forma e contraforma em composições visualmente magnéticas, ora mais sugestivas, ora mais abstratas.

Formada pelo Instituto de Arte da Universidade Estadual Paulista (Unesp), participou da residência artística L.O.T.E. entre 2016 e 2018, sendo o primeiro e último ano na Fundação Marcos Amaro, em Itu, e em 2017 na Fazenda Serrinha, em Bragança Paulista. Em 2019, participou da exposição *Abraço coletivo*, no Ateliê 397, em São Paulo. Em 2021, suas telas estiveram no 46º Salão do Museu de Arte de Ribeirão Preto, no 17º Salão Ubatuba de Artes Visuais, e na exposição *Nomes da Coisa*, na Galeria Cañizares, em Salvador. Em 2022, além da residência no Espaço Delirium 2000, em São Paulo, destacam-se as exposições *MÃO* (com Paulo Monteiro), no Quase Espaço, e *Modernismo desde aqui*, no Paço das Artes, ambos em São Paulo, e no *Abre alas 17* da Gentil Carioca, no Rio de Janeiro.

(Selecionada)





Ensaio

Toda a verdade está contida na batida de um tambor 114
Rafael RG

Dobrando tudo com o poder do olhar 134
Germano Dushá

No breu sigo só 143
Ariana Nuala

coincidência louca.

E eu coloquei umas fotos do ano de 2020 nessa pasta que te mandei. Ah, são todas analógicas. E dá uma olhada ali, tem uma foto de seu Peixinho antiga lá e tal, ele tocando superempolgado, todo molhado. É isso... Me fala sobre algum problema fazendo o download das imagens."

IV. Noite dos tambores silenciosos

Estou em Recife enquanto termino de escrever este texto, foi o meu coração que me trouxe até aqui.

Hoje é a noite dos tambores silenciosos, manifestação religiosa de matriz africana que dá início às comemorações do Carnaval na região. No período colonial, pessoas negras escravizadas eram proibidas de realizar suas manifestações festivas e religiosas. O tambor sempre esteve presente em ambas. Nessa época, era comum realizar manifestações e cortejos em silêncio. Sem entoar cantos e sem a presença dos instrumentos percussivos.



Jefferson Santiago. Os tambores na floresta no vale do Igarapé, São Paulo, 2020.

Dobrando tudo com o poder do olhar Germano Dushá

Entre o fim da década de 1960 e princípio da década de 1970 no Brasil, nos chamados “anos de chumbo” da Ditadura Militar, a atmosfera no país só poderia ser tensa e aborrecida, marcada pelo recolhimento dos ânimos e pelo esforço truculento dos governantes para tolher a capacidade de invenção do povo. A deliberada precarização do sistema cultural, o cerceamento da liberdade de expressão, o cerco aos veículos e espaços de crítica, arte, diálogo e debate, tudo operava para enrijecer o olhar e desertificar o campo da imaginação. Esse é o programa de qualquer regime que pretende aniquilar o potencial humano dos que estão sob seu jugo.

Em contraposição, floresceram entre certos artistas da época práticas



que pretendiam provocar outros modos de enxergar e de se perceber e agir no mundo. É quando materiais cotidianos são transfigurados para produzir não apenas reflexões existenciais, mas elementos e situações que parecem ir além de objetos de contemplação, infundindo, de modo direto, certa energia naqueles que os veem. Surgem, então, uma marmita que, estando aberta, revela o molde de um rosto feito de resina amarela, no qual se lê, na altura da boca, a palavra “lute”, serigrafada em vermelho sobre um filme plástico¹, e uma valise típica dos trabalhadores de centros financeiros, que

¹ Carlos Zilio, *Lute*, 1967.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arqueia mas não quebra / curadoria Ariana Nuala,
Germano Dushá, Rafael RG. -- 1. ed. --
São Paulo : Almeida e Dale Galeria, 2023.

ISBN 978-65-85036-02-3

I. Arte contemporânea brasileira 2. Artes -
Exposições. - Catálogos I. Nuala, Ariana.
II. Dushá, Germano. III. RG, Rafael.

23-146827

CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

I. Arte contemporânea : Exposições : Catálogos 700.74
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Realização
Almeida & Dale Galeria de Arte

Sócios-proprietários
Antonio Almeida
Carlos Dale Jr.

Diretora
Erica Schmatz

Concepção e curadoria
Germano Dushá
Rafael RG

Curadora convidada
Ariana Nuala

Organização do catálogo
Ariana Nuala
Germano Dushá
Rafael RG

Gestão, métodos e tradução
Fabricia Ramos

Expografia e mobiliário
Alberto Rheingantz

Design gráfico
Raul Luna

Assistência design gráfico
Christian Proença

Assistência geral
Cammila Ferreira

Produção
Ana Chun
Marina Bigardi

Acervo
Caroline Tatani
Caroline Akemy Miyashita
Sophia Maria Quirino
Sawaya Donadelli
Malu Villas Bôas
Morgana Viana

Montagem
Eder Chapolla
Toto Blassioli

Desenho de luz
Charly Ho

Marcenaria e serralheria
Carlos Ferraboli

Preparação do texto
Sandra Brazil

Documentação audiovisual
Leticia Rheingantz

Documentação fotográfica
Sergio Guerini

Impressão Gráfica
Ipsis Gráfica e Editora

Equipe Almeida & Dale
Alan Catharino
Alexandre Pedro
Ana Maria Torres do Silva
Anna Luisa Veliago Costa
Antonio Gustavo Dias Castro
Cristiane Ribeiro
Danilo Campos
Eli Carlos da Silva
Georgete Maakouli Nakka
Guilherme Carvalho Gonzales
Guilherme Torres
João Victor da Silva
Karoline Fraire
Luciana Vukelic
Luzianete Ribeiro Silva
Maria Cecília Silva Lima
Paul Jenkins
Tatiana Kallas
Verônica Souza
Verônica Tomaz da Silva
Victor Lucas
Vitor Werkaizer

Agradecimentos
Abdo Abdala
Ademar Marinho
Francisco José Bueno de Aguiar
Paulo Darzê Galeria
Rolf Gustavo Roberto Baumgart
Romero Pimenta
Vanda Klabin

Tipografias
Couner
Acumin Pro Wide
Minion Pro

Papéis
Capa Ningbo C2S 300grs
Miolo Offset 75grs, Couche Brilho
210grs

Fevereiro de 2023
Almeida & Dale

CF

CONTRA-FLECHA Arqueia mas não quebra
Org. Ariana Nualá, Germano Dushô, Rafael RG
ISBN 978-65-85038-02-3

Almeida & Dale